



<http://doi.org/10.7213/2318-8065.06.01.p136-149>

Profetismo e resistência: crítica à cidade injusta a partir do olhar de um camponês (Mq 3, 9-12)

Prophetism and resistance: criticism of the unjust city from the perspective of a peasant (Mic 3, 9-12)

Gilda Cristina da Silva*
Luiz Alexandre Solano Rossi**

Resumo

Este estudo aborda o profetismo bíblico em Miqueias (Mq 3,9-12). Em uma terra devastada, em que não há mais profetas, justifica-se o resgate do profetismo como missão em denunciar a injustiça e anunciar o direito, mais especificamente em relação aos vulneráveis. O objetivo deste estudo é compreender os atos proféticos de Miqueias, apropriando-se deles como chave de leitura para a atualidade, à luz da História da Salvação, conceituando-se resistência como resgate da relação humana com a terra, enquanto vínculo sagrado com a Promessa de Deus a seu Povo. Este intento será conseguido mediante revisão bibliográfica e aproximação bíblico-teológica, buscando-se a reflexão e a entrega do significado do texto conforme o contexto histórico vivido com as lideranças político-religiosas em Miqueias (Mq 3,9-12). Ao investigar a ruptura da Aliança, a perda da posse da terra e a perda do vínculo como nação em Israel, vividas pelos camponeses contemporâneos a Miqueias, procura-se delimitar a responsabilidade pela relativização do direito à terra, como aliança sagrada e consequente perda da condição de identidade como Povo de Deus. Resultados: O estudo demonstrou a função social do profeta como decodificador do momento histórico, atemporal, levado pela força da indignação, da qual procede sua resistência, não solitária, mas, solidária, amparada no sonho coletivo e comunitário, organizado e possível. Considerações Finais: A pesquisa ampliou a compreensão bíblica e teológica da necessidade do resgate da dignidade humana em periferias urbanas, construindo a cidade justa, fundada na agroecologia urbana e na bem-aventurança da simplicidade.

Palavras-chave: Miqueias. Profetismo. Resistência. Bem-aventurança.

* Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Pós-Graduada em Arteterapia pela Faculdade Bagozzi de Curitiba. Graduada do Curso de Bacharelado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba. Contato: gildacristina@hotmail.com

** Doutor em Ciências da Religião, Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, Pr-Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3270-135X>. Contato: luiz.rossi@pucpr.br



Abstract

This study speaks about the theme of biblical prophetism in Micah (Mic 3,9-12). In a devastated land, where there are no more prophets, the rescue of prophetism as a mission to denounce injustice and announce the right, more specifically in relation to the vulnerable, is justified. The objective of this study is to understand the prophetic acts of Micah, appropriating them as a key for reading today, in the light of the History of Salvation, conceptualizing resistance as a rescue of the human relationship with the earth, as a sacred connection with the Promise of God to his People. This intent will be achieved through a bibliographic review and a biblical-theological approach, seeking to reflect and rescue the meaning of the text according to the historical context experienced with the political-religious leaders in Micah (Mic 3,9-12). In investigating the rupture of the Alliance, loss of land ownership, loss of the bond as a nation in Israel, experienced by contemporary peasants to Micah, it seeks to delimit the responsibility for the relativization of the right to land as a sacred alliance, and consequent loss of the condition of identity as People of God. Results: The study seeks to demonstrate the social function of the prophet as a decoder of the historical, timeless moment, driven by the force of indignation, from which comes his resistance, not solitary, but, solidary, supported by the collective and community dream, organized and possible. Final Considerations: The research intends to base biblically and theologically the rescue of human dignity in urban peripheries, building the just city, founded on urban agroecology and the bliss of simplicity.

Keywords: Micah. Prophetism. Resistance. Bliss.

Introdução

Este estudo aborda o profetismo como expressão de resistência em Miqueias (Mq 3,9-12), tenta compreender a denúncia das situações injustas e o anúncio do direito e da justiça, especificamente em relação aos vulneráveis. A partir da análise dos comentadores, que contextualizam a perícopes, procura-se compreender os atos proféticos de Miqueias.

Camponês de Judá, tendo vivido aproximadamente 700 anos antes de Cristo, o profeta dá-nos uma chave de leitura para a atualidade, condizente com a atemporalidade da mensagem profética, à luz da História da Salvação. Conceitua-se resistência como resgate da relação humana com a terra, enquanto vínculo sagrado com a Promessa de Deus a seu Povo, sendo a Aliança fraterna a atualização da proposta de Reino de Deus, em Jesus Cristo.

Ao se abordar o profetismo de denúncia em Miqueias, (Mq 3,9-12) pela fundamentação bíblico-teológica, busca-se desvendar o processo de perda da posse da terra, a conseqüente perda do vínculo de pertença, do povo para com a terra, assim como do enfraquecimento da Aliança do povo para com Deus. Busca-se compreender a perda da memória enquanto povo e nação, em Israel, vivido pelos camponeses contemporâneos a Miqueias¹.

Observando-se a atitude do profeta Miqueias, denunciando o desvio da função social dos sacerdotes, reis e profetas de Israel, busca-se forma de resgate da dignidade do povo como nação, reconstituindo a relação com a terra. Espera-se que ela possa ressurgir como elo de fraternidade e comunhão.

Também se estuda a alienação da posse da terra camponesa pela classe dominante, a condição do trabalho camponês similar à escravidão, e a exigência dos pesados impostos cobrados do camponês pobre pela monarquia, tanto de Judá, como de Israel. Além disso, investiga-se o processo de alienação que foi transformando a terra e sua produção, antes, bênção e Aliança, em moeda de troca, mercadoria, lugar de escravidão e sofrimento para quem trabalha, levando enriquecimento e conforto apenas à monarquia e classes privilegiadas.

A relevância deste estudo em teologia encontra eco na presente necessidade de formação teológica, de lideranças cristãs esclarecidas, comprometidas com a verdade, que apontem, no horizonte do momento histórico, um caminho para o povo de Deus, em conformidade com a ética e a justiça. Decorre disso a oportunidade de uma interferência sadia na realidade, como o processo de transformação social, por princípios humanos autênticos, alimentados pela Palavra e iluminados pelo Espírito.

A partir do impacto deste estudo, impõe-se o direito a uma utopia construída na indignação, um novo *ethos*, gerando uma configuração urbana mais justa, à luz da resistência como profetismo.

Após a denúncia profética da “cidade injusta”, propõe-se uma nova perspectiva de relação com a terra urbana, como ato de resistência e fé, como resgate do direito da arte de plantar e colher, como quem afaça o solo e cuida de um jardim, compartilhando com alegria o excedente entre irmãos.

A resistência pacífica a todo tipo de distorção do direito e da justiça torna-se elemento indispensável à observação do cotidiano, revelando a necessidade extrema e absoluta da expressão hermenêutica do profetismo como sinal de manifestação do Reino.

¹ O nome do profeta seria uma variante do nome Miguel, (Dn 10,13) que significa uma pergunta retórica: “Quem como Deus?” (BÍBLIA de Jerusalém, 2016, p. 1574, n.r.).

O profeta e o profetismo

Ao investigar-se o profetismo de Miqueias como resistência à monarquia em Israel, séc. VII a.C., em Miqueias (Mq 3,9-12), motivado pelo resgate da Aliança entre Deus e seu povo, pelo vínculo concreto com a terra, busca-se, na dimensão da resistência profética, o paradigma futuro do anúncio evangélico da Justiça do Reino de Deus.

Constata-se a possibilidade da alegria e da paz na relação do ser humano em contato com a terra, transformando em bênção o castigo proposto a Israel e seus líderes, quando se diz ao final da citada perícopes: — “Portanto, por causa de vocês, Jerusalém vai virar um montão de pedras, o monte Sião vai ser arado como um campo, e o lugar onde fica o Templo se tornará uma floresta (Mq 3,12)” (BÍBLIA de Jerusalém, 2002).

Essa perícopes poderia complementar-se com uma passagem anterior (Mq 1,6) em que se diz: “Farei da Samaria um campo de ruínas, uma plantação de vinhas” (BÍBLIA de Jerusalém, 2002). A tradução da Bíblia Pastoral é bem mais explícita quanto à ação exercida por Deus em consequência de sua indignação e diz: “Pois eu vou reduzir Samaria a uma ruína no meio do campo, num lugar para plantação de vinhedos” (Mq 1,6). O que nos salta aos olhos nessa perícopes, anterior àquela que nos inspira (Mq 3, 9-12), é a situação da terra, entregue à sua condição natural, não mais explorada pela dominação política e religiosa daquela elite urbana.

Rossi (2016, p. 13) analisa a alteração do padrão bíblico para a teofania, antes observado na manifestação de Deus, que é, sempre, a **favor** de Seu Povo. Em Miqueias (Mq 1,29), surpreendentemente, a expressão teofânica é de indignação, e é **contra** Samaria e Jerusalém, cuja injustiça atinge seu povo (Mq 1,9): “Pois a ferida de Judá não tem remédio e chega até as portas de meu povo, até Jerusalém” (BÍBLIA Sagrada, Edição Pastoral, 1996).

Natural de Morasti, aldeia a oeste de Hebron, Miqueias era judaíta e exercia seu profetismo quando reinavam Acaz e Ezequias. Contemporâneo à tomada da Samaria em 721 a. C. e, provavelmente, à invasão de Senaquerib em 701 a. C., viveu no tempo de Oseias e Isaías e tinha, como Amós, similar cultura camponesa. Da vida simples, Miqueias traz a linguagem direta e afiada, com franqueza certa (BÍBLIA de Jerusalém, 2016, p. 1248). Viveu na região enquanto sua terra era assolada pela invasão dos assírios. Pior que a guerra, era “a cobiça e injustiça social” (BÍBLIA Sagrada, Edição Pastoral, 1996, p. 1194) que levava Miqueias a perceber o **descontentamento** de Deus (Mq 2,8) com a cidade injusta, onde habitam as lideranças políticas e religiosas de seu povo, que, longe de servirem ao povo, servem a si mesmas. Camponês, ele vê a terra ser tirada dos seus, para se tornar latifúndio (Mq 2,1-2) com a morte de mulheres e crianças.

Expropriação do agricultor

Fundamentamos a perda da função produtiva da terra em Kessler, que aponta em sua obra “História social do antigo Israel” uma das causas da crise social e a divisão de classes que se forma pelo século VIII a VII a. C. Ele explicita que uma das causas que levaram as antigas aldeias camponesas rumo à sociedade de classes, foi justamente o “sistema de crédito” (KESSLER, 2009, p. 144). Movido pela necessidade, o pobre viu-se na condição de tomar o empréstimo do rico, o que, além de endividá-lo, tornou-o escravo, conforme se estabeleceu a exploração da terra pelo seu valor comercial, por volta do século VIII a.C., criando endividamento e transformando a terra em moeda de troca.

Longe de uma situação esporádica de doença ou acidente climático, em que se toma emprestado dinheiro ou sementes, e se é possível pagar, a situação dos mais pobres chegou a um ponto de irreversível escravidão, desarticulando toda a situação familiar (Ex 21,2-6) e relações de afeto, com

a perda de qualquer condição de dignidade e autonomia. Em se tratando das mulheres escravas, a sexualidade (Gn 16) e a descendência também não lhes pertenciam mais.

O comércio de escravos, comum entre esses povos, transformava a pessoa em simples objeto. Em famílias do antigo Israel que perdiam suas posses ou colheitas, um dos estágios era a situação de diarista, na qual o trabalhador não tinha sequer quem cuidasse de sua sobrevivência, colocando-se abaixo dos escravos. Diante disso, via-se em situação de vender o que possuía, para sua subsistência e dos seus. A próxima fase do endividamento poderia tornar-se irreversível, com a perda da terra.

Provavelmente, o processo de empobrecimento e divisão de classes não diferia tanto no reino do Norte e do Sul. Segundo Kessler, “as palavras de Isaías e Miqueias” demonstram que ambas as regiões tiveram desenvolvimento similares, com Amós denunciando a “elite” por “explorar a classe inferior de forma inescrupulosa” (KESSLER, 2009, p. 141). “É o colapso familiar que vai ser narrado em Miqueias (Mq 2, 1-9)” (KESSLER, 2009, p. 145). É o princípio da formação dos latifúndios e da cidade alicerçada na injustiça, onde moram os senhores, aos quais se destinam todos os bens (Mq 3, 10).

Rossi e Erdos (2013, p. 564) apontam como se dá a “construção social das vítimas em Miqueias”, sendo que “elas surgem no horizonte da história social do povo de Deus como consequência daqueles que exercem o poder”. Tornadas incapazes de buscar socorro diante da demonstração de força de seus algozes, não há senão a alternativa de entregar-se a Deus e esperar que venha apenas dele o alento.

Rossi e Erdos chamam a atenção para “evitar a simplicidade daqueles que dizem ser, o aparecimento da vítima, um produto de sua própria preguiça”, pois, segundo os autores, não se deve naturalizar a “violência” e a “injustiça” como mero produto social, mas, sim, vê-las como “produções culturais”, cujos atores têm protagonismo para vitimizar o pobre. Esse é, pois, sempre, candidato à “libertação” (ROSSI; ERDOS, 2013, p. 564).

Voltando à tese de Kessler acerca do empobrecimento dos camponeses de Israel e Judá pela cobiça dos ricos, que tomavam a terra do camponês em pagamento a dívidas, obrigando-o ao trabalho escravo ou similar a esse, (KESSLER, 2009, p. 145) acrescenta-se a percepção acerca da negação do direito de resgate da terra, que foi ignorado, a tal ponto, que o próprio Deus intervém em favor dos desvalidos, que clamam aos céus. Essa pronta resposta é testemunhada também nos Salmos: “Ergo os olhos para as montanhas, de onde virá o meu socorro? Meu socorro vem de lahweh, que fez o céu e a terra” (Sl 121). Silva fundamenta as denúncias aos que não cumprem o direito de resgate (SILVA.; ROSSI, 2016, p. 33, 34), implicando no apossar-se dos bens alheios e contrariando a Lei: “Não cobiçarás” (Dt 5, 21).

A disposição do profeta, na percepção acurada do seu entorno, torna-o consciente de sua missão, com hora e lugar marcados. Não é ele reconhecido por baluarte de doutrinas ou “discursos genéricos”. O profeta, ao ler e decodificar a vida das pessoas, o faz a partir de uma transparência histórica em gestos e palavras.

Silva explica que a “chave de leitura para a literatura profética” se apresenta como expressão de um “sujeito histórico coletivo, num movimento inspirado desde uma indignação, a que se converte, e converge em resistência organizada, apontando uma utopia” (*apud* ROSSI, 2016 p. 26). Dessa indignação surge o núcleo da vocação profética de Miqueias em seu “caráter público”, iluminando, pela fé, todas as dimensões da vida, em abertura ao propósito de Deus para seu povo (SILVA; ROSSI, 2016, p. 27).

É importante perceber que o “ambiente público” é lugar privilegiado de percepção da “vocação profética para o direito e a justiça” em que se “dá testemunho de opção preferencial de Javé pela ordenação de uma comunidade fraterna” (ROSSI, 2016, p. 10), sendo a expressão profética uma referência à “perspectiva pública e concreta de paz, de justiça, de segurança, de abundância e de não violência”.

Acontece que, “na falta da justiça e do direito a pobreza emerge de forma avassaladora”, não sendo nem “natural” e nem “divina”, mas, obtendo de Deus “a responsabilidade pelo bem-estar dos desprivilegiados” (ROSSI, 2016, p. 11).

Análise De Miqueias

Miqueias é contemporâneo a Isaías, mas diverge de seu círculo de atuação no palácio. Miqueias traz, na crítica, um olhar camponês, e a cidade não lhe é acolhedora nem confortável. Não por "nostalgia inocente", segundo Sturz, mas Miqueias julga rigidamente aqueles que promovem a "violência" contra os pobres e os fracos pela injustiça. O profeta demonstra "uma profunda compreensão do caráter de Deus" (BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 158). A posição contra a violência decorrente do desconhecimento "do caráter de Deus" pelas lideranças, e a inadequação à cidade injusta, dão o tom à profecia de Miqueias.

Se o primeiro e o segundo capítulo de Miqueias chamam a atenção ao pecado da idolatria, do segundo em diante, o profeta denuncia mais o pecado social. Segundo Sturz, a ausência da denúncia contra a idolatria denota um movimento de avivamento religioso anterior, que toma conta de seus sacerdotes, de forma a provocar certa cegueira, pelo excesso de confiança nos rituais e cumprimento da legislação mosaica, o que os impede de perceber a vontade de Deus nas palavras do profeta (BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 158).

Retomamos o versículo 11 de nossa perícopes, (Mq 3,9-12) onde diz: "Nenhum mal vai acontecer, porque o SENHOR está do nosso lado". Esse avivamento teria sido o movimento de conversão, devido às ameaças de invasões ao seu território. Ele ocorre com Ezequias, por volta de 722 a.C. (BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 158).

Em Miqueias (Mq 3, 1-4), a palavra do profeta dirige-se aos "chefes", impregnados de toda a maldade, atingindo todos os níveis do poder, tanto por "má administração" como por ceder às "classes comerciais dominantes", de onde obtinham benefícios. Rossi e Erdos revelam a dureza do Profeta ao denunciar as autoridades de Jerusalém pela crise do país.

O desprezo pelo desvalido adquire ares de canibalismo na linguagem tomada de Miqueias, em que o pobre é cozido e devorado. O profeta toma por medida o que conhece da **vontade positiva de Deus** para seu povo, por isso, levanta-se contra esse modelo de negação máxima da "aliança que Deus firmou com Seu povo" (SILVA, 1998, p. 124 *apud* ROSSI; ERDOS, 2013, p. 565).

Com efeito, o Profeta percebe a estrutura monárquica que, em Judá, dá aos príncipes o dever de "conhecer e exercer a justiça" (*mishpät*), como fiéis guardiães da lei de Deus. Mas acusa esses "chefes" (Mq 3,1), repetindo a acusação (Mq 3,11) de falharem como soldados (*qäsín*) e juizes, no julgar e fazer cumprir a lei mosaica, escolhendo serem subornados, ao invés de socorrer os mais fracos. Também os sacerdotes calam-se diante das concessões ao poder, acusados pelo profeta de falhar no dever de ensinar (Mq 2,5), tornando o povo ignorante da justiça social, decorrente da Lei de Deus, cujo pecado em contrariá-la atrai a ira divina (BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 165).

Entre as lideranças denunciadas, Miqueias aponta os profetas, que, longe de herdarem essa função, eram chamados à missão por Deus, degenerando-se em viver à custa de benesses dos "ricos e poderosos", profetizando em seu favor (Mq 2,11; 3,5), em "troca de comida". O profeta retoma a denúncia contra os chefes, sacerdotes e profetas, no versículo 11 do terceiro capítulo, perícopes que ora estudamos (Mq 3, 11). (BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 166).

Sturz destaca a relevância do profetismo em confirmar a aliança como revelação divina e assim tornar legítimas as instituições da monarquia e sacerdócio, como "ministérios hereditários", e mostra a fidelidade de Miqueias ao chamado profético, trazendo à luz a "transgressão de Jacó" e o "pecado de Israel" (Mq 3,8), (BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 167) em versículo imediatamente anterior à perícopes estudada, em que Miqueias defende a validade da instituição de seu profetismo.

Sicre e Schokel (1980) explicitam que, ao se confrontar com os falsos profetas (Mq 3,8), Miqueias oferece-lhes uma possibilidade de interpretação de sua profecia: "A coragem é fruto da missão e a força vem da palavra de Deus a serviço da justiça" (SICRE; SCHOKEL, 1980, p. 385).

A “situação socioeconômica”, segundo Sturz, era muito boa para os novos ricos, mas terrível para os pequenos proprietários, que perdiam suas terras e casas para o latifúndio, poder que legitimava as autoridades tradicionais [vide repetição no capítulo 2 e 3 de Miqueias] (Mq 2,1; 3,11) e eram legitimados por elas, numa ótica perversa que fugia do “caráter de Deus”, percebido pelo profeta e presente na sua Lei (BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 166).

A reforma religiosa, implementada por Ezequias, atingiu originalmente o resgate dos cerimoniais mosaicos, mas não erradicou a idolatria e nem considerou abolir a injustiça social (BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 167). Sturz destaca que Miqueias é o único profeta a profetizar contra a corruptibilidade personificada nas cidades, principalmente em Jerusalém e Samaria, em que a aglomeração de pessoas favorece a idolatria (Mq 1; 5; 7) e a injustiça (Mq 2-3). “As consequências desses pecados são a violência e a insegurança generalizadas. As relações familiares são destruídas (Mq 7,2-6). Os indefesos ficam à mercê dos poderosos.” O profeta narra o próprio “colapso da justiça”, que corrompe o direito de herança e até o direito a se cobrir o próprio corpo. A cidade torna-se ninho da “violência, do roubo e da mentira” e permite “que venham à tona, os males mais perversos” (BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 168-169).

A ilusória autonomia do homem urbano, segundo o autor, não é o que mais o afasta de Deus. Em vez disso, acredita que ela estimula o novo rico a passar por cima dos direitos do povo em relação às terras herdadas e a extorquir do indefeso tudo o que se possa obter (BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 169).

A perspectiva do profeta não percebe “a opressão como um descaso do direito dos indefesos”. Em vez disso, ele a vê como uma rejeição do padrão divino (Mq 3,1-3; 3,9). Daí as relações sociais injustas serem, acima de tudo, uma afronta ao Deus da aliança. Ainda assim, a cidade será resgatada pelo “reinado do salvador prometido” (BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2001, p. 169).

Em se tratando do fracasso das lideranças que conduziam o povo, Nogalski (2011) destaca a fórmula citada, várias vezes, que, em Miqueias, chama a atenção dos líderes da terra, que é: “Ouça isso” (Mq 3,1; 3,9). Chama a atenção tanto dos líderes religiosos, que não falam em nome do Senhor, como dos profetas, (Mq 3,5-8) e sacerdotes (Mq 3,9-12) (NOGALSKI, 2011, p. 545). Se Miqueias (Mq 3,1-4) denuncia as lideranças políticas, nos versículos seguintes, (Mq 3,5-8) desafia os profetas que falam de si mesmos, e não de JHWH.

A perícopes específica, foco deste estudo (Mq 3,9-12), estende a denúncia, além das lideranças políticas e profetas, e inclui também os sacerdotes, sendo que a primeira e a terceira seção chamam a atenção para que ‘se ouça’, e logo a seguir propõem o que diz JHWH (NOGALSKI, 2011, p. 545). Reportam-se aqui perícopes complementares pela força que elas têm, em conjunto, em acusar as lideranças que agem em seu próprio bem, enquanto “devoram o povo” (Mq 3,14).

Este exercício de aproximação concêntrica revela implicações que ampliam o alcance do estudo com a percepção que o profeta tem do seu entorno, especificamente, como se pode constatar na perícopes:

Escutem, líderes e autoridades de Israel! Vocês odeiam o que é bom e torcem a justiça. Vocês estão construindo Jerusalém, a cidade santa, sobre um alicerce de injustiças e de crimes de sangue. As autoridades de Jerusalém aceitam dinheiro para torcer a justiça, os sacerdotes cobram para ensinar a Lei, e os profetas exigem pagamento para adivinhar o futuro. Mas, mesmo assim eles afirmam que recebem ajuda de Deus. Eles dizem: ‘Nenhum mal vai acontecer porque o SENHOR está do nosso lado’ Portanto, por causa de vocês, Jerusalém vai virar um montão de pedras, o monte Sião vai ser arado como um campo, e o lugar onde fica o Templo se tornará uma floresta’. (Mq 3,9-12)

Ao longo do estudo, alternam-se comparativamente algumas traduções e as respectivas abordagens sobre o tema do profetismo e a decorrente resistência advinda ao povo pela possibilidade de relação amorosa com a terra da promessa, vínculo insubstituível entre os pobres e o Senhor (Ex 23,11) que lhes dá o sustento (Sl 34,6).

Quando importar analisar mais de uma tradução, será citada a versão usada. A versão online do Antigo Testamento, na linguagem de hoje, (NTLH) traduziu também a proximidade com a terra transformada em meio de cultivo, com a vida se fazendo presente pela constituição de uma floresta, mesmo quando arrasadas as construções erigidas para o culto. Fica explícita a condição da terra devolvida ao cultivo, (Mq 3,12.) a ser “arada como um campo” (NTLH, Web). A tradução da Bíblia Pastoral (Mq 3,12) diz que: “Por isso, por culpa de vocês, Sião será arada como um campo, Jerusalém se tornará um montão de ruínas, e o monte santo do templo se tornará uma colina cheia de mato” (BÍBLIA Sagrada, Edição Pastoral, 1996). Quanto à Bíblia da Editora Ave Maria, esta diz do mesmo versículo às lideranças que despertaram a indignação do Senhor (Mq 3,12): “Pois bem, por vossa causa, Sião será um montão de escombros, e a colina do templo, um morro cheio de mato” (BÍBLIA Sagrada, 1991). A mesma perícopes, na Bíblia de Jerusalém, dirá (Mq 3,12): “Por isso, por vossa culpa, Jerusalém se tornará lugar de ruínas, e a montanha do templo cerro de brenhas!” (BÍBLIA de Jerusalém, 2002).

No Levítico (Lv 25,23), o Senhor assim se expressa: “A terra não poderá ser vendida para sempre. Porque a terra me pertence, e vocês são para mim imigrantes e hóspedes. Por isso, qualquer terra que vocês possuírem, concedam o direito de resgate à terra”, sendo que o direito de resgate da terra estende-se por graus de parentesco e gerações.²

Desde a história da formação do povo hebreu, o tema da terra tem sido fundamental para a tradição judaico-cristã (Gn1,1). A própria cosmogênese dessa tradição relata a criação da terra como um jardim, entregue à humanidade para ser cuidado, é “terra santa” (Ex 3,5). A mesma narrativa, que eleva a terra como essencial para a vida e o sustento, vai mostrar que, sob a situação de afastamento do Senhor, pela ruptura fraterna (Gn 4,14), esse mesmo dom testemunhará sua infidelidade e será tirado do povo de Deus pela sua incapacidade em gerenciá-la com justiça fraterna. “Para que saibais que a terra é do Senhor (Ex, 9,29).

O vínculo com a terra remonta a Abraão, promessa que vem de Deus, como lugar de implantação de uma grande e abençoada nação. A terra, como solo de uma nação, é parte indissolúvel da aliança segundo a promessa de Deus a Abraão: A terra, um grande povo como nação, e a bênção de Deus (Gn 12,1-4) são promessas renovadas em Isaac (Gn 26, 4-5) e em Jacó (Gn 28,14-15). A promessa da terra realiza-se em Josué, tanto a conquista, (Js 1-12) quanto a partilha entre as tribos (Js 13-21). A realização da promessa como nação já se desenhava no Êxodo (Ex 1,7-9) e a bênção já acompanhava as tribos de Jacó desde a narrativa do Gênesis (Gn 49).

Com efeito, a terra como aliança é sonho de liberdade e sinal de fartura para o povo (Ex 3,8). Tema recorrente, junto à condição de descendência, a posse da terra firma a aliança perpétua entre Deus e seu povo, como sinal de vocação e predileção (Ex 6,7). Pelos seus sacerdotes, expressa-se o Senhor sobre a impossibilidade de a terra ser negociada perpetuamente, devendo essa sempre retornar ao seu vínculo primeiro, para que nunca se esqueça que “a terra me pertence e sois para mim, estrangeiros e hóspedes” (Lv 25,23).

Tendo o povo de Deus (Jz 17,6) pedido ao Senhor um rei que lhe governasse (Sm 8,5), passa então a trabalhar para servir aos reis (1 Sm 8,10-18) e construir suas cidades, para onde seus filhos e filhas

² O propósito de se citar traduções diversas da mesma perícopes, (Mq 3,9-12) é intencional, com a aproximação concêntrica no trajeto da leitura: Fazer perceber, sob o uso de diversas expressões, que a terra volta à condição de cultivo, função primordial de produzir alimento. Tendo seu direito de resgate cumprido, sob intervenção divina, a terra volta à condição natural, uma vez que as instituições erigidas para o culto não fizeram cumprir a lei, quanto ao direito de seu resgate e à justiça. Os lugares altos voltam a ser cultivados, tornam-se agricultáveis.

serão levados como escravos, para servir à realeza, ao invés de servir ao Senhor, o que, enfim, fará com que eles tornem-se iguais aos outros povos, que têm, eles também, os seus reis.

Não se tem aqui objetivo de esgotar a questão da monarquia no Antigo Testamento, mas tão somente contextualizar a relação entre o povo e a monarquia em Miqueias (Mq 3,9-12), com foco na perícopes, a partir das consequências da monarquia injusta e exploratória, como meio de extorsão do fruto do trabalho produzido pelo camponês e diarista, mantenedor do sistema social urbano excludente da época do profeta.

À injustiça cometida contra o direito de resgate da posse da terra pelo camponês, infere-se que, o castigo prometido por Deus, devolve, afinal, a terra à sua propriedade e condição natural de cultivo, como herança camponesa. Por falta de justiça das autoridades instituídas em permitir que o camponês viva com dignidade, Deus vê-se sem outra alternativa, a não ser ouvi-lo e tomar-lhe as dores, destruindo a cidade injusta. E a terra revolta, cheia de mato, lembra o campo arado, sendo preparado para o cultivo, assim como o versículo que fala em plantio de videiras, dá uma vocação vinícola ao solo, uma esperança, pelo olhar do agricultor. (Mq 1,6)

Shaw (1993) observa que a vítima final, em Miqueias (Mq 3,1-12), é a própria nação, e atenta para os dois fatores subjetivos que delinearão o discurso do profeta: 1) A sua certeza que a consequência da injustiça social só pode acabar em catástrofe, vendo-se que Yaweh retirou toda a proteção ao povo, ignorando a oração dos seus chefes e governantes, e não respondendo aos pedidos dos profetas, até que se confirme a destruição de Jerusalém; 2) Apesar disso, como Isaías, Miqueias acredita na transformação de Jerusalém que virá após a queda (SHAW, 1993, p. 115).

Propostas sócio-pastorais

Para que a terra seja lugar de fraternidade e matéria de um novo povo, nascido do barro e do pó (Gn 3,19), somos amalgamados pela Água viva que nos dá o Senhor (Jo 4,10), para uma nova Criação, ainda mais humana nas suas relações, em todas as dimensões, com a abertura à transcendência, à alteridade, à consciência humana e à restauração da Natureza. Um novo tempo, uma nova Criação, uma co-Criação em que o substrato fértil a que chamamos terra, revela-se vivo no seu protagonismo, transfigurado pelo Senhor, como toda a Criação. Ele mesmo, semente de uma nova categoria de viver (Lumen Gentium, 2011, § 9, p. 20). Que a terra seja justa e irmã, e não objeto de mercado, que seja esperança de vida, na qual a semente, ainda que morra, converta-se em alimento.

Este tema foi escolhido tomando-se a necessidade de se fundamentar, teologicamente e pela Sagrada Escritura, Projeto de Horta Social, já em implantação em comunidades periféricas, com geração de renda e comida saudável para a população vulnerável. A comunidade envolvida consolida a verdadeira transformação e protagonismo dos vulneráveis, gerando alimentação saudável e partilha solidária, em terrenos urbanos desocupados, cujos proprietários se solidarizam com a função social da terra em produzir comida, mesmo que por tempo determinado.

Entre os sintomas da “crise civilizacional” que se apresentava ainda no século passado, Boff denunciava o descaso, a falta de cuidado pelos que perdem o direito a um emprego e a “um salário-mínimo, excluídos do processo de produção de riqueza, sem nenhuma segurança que os garanta” (BOFF, 1999, p. 18). Discutindo a relação fundamental entre “história e utopia” como “condição humana fundamental”, Boff explora o “mito de Saturno”, sintetizando as relações entre o “masculino/feminino” e confrontando “céu-terra, utopia-história”. O teólogo conclui que “o cuidado acompanha o ser humano, enquanto peregrinar pelo tempo. O cuidado é o caminho histórico-utópico da síntese possível da nossa finitude. Por isso é o *ethos* fundamental, a chave decifrador do humano, em todas as suas virtualidades” (BOFF, 1999, p. 82-83).

Assim como a chave de leitura do profetismo em Miqueias leva à indignação e à resistência convergente ao sonho coletivo, a nova Aliança manifesta-se no cuidado, como *ethos* fundamental, cuja chave de leitura abre o coração humano à solidariedade e à justiça.

A Lumen Gentium toma o “novo povo de Deus” como participante da “nova aliança”. Aquele que teme o Senhor e “pratica a justiça” (At 10, 35), servindo-O na santidade. Tendo sido “Israel, seu povo”, com o qual “estabeleceu uma aliança”, paulatinamente educado na “história” revelada segundo vontade de Deus, manifesta no Seu Verbo, “feito carne”, recebe, pois, a Lei, gravada na própria carne: “Gravarei no mais profundo do seu ser a minha lei e escrevê-la-ei em seus corações e serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Todos hão de conhecer-me, desde o menor ao maior, diz o Senhor” (Cf. Jr 31, 31-34 *apud* Lumen Gentium, 2011, § 9, p. 20).

Reunindo numa só nação, “judeus e gentios,” o povo de Deus, em Cristo, renasce de uma “semente não corruptível” preservada pela “palavra do Deus vivo” (1 Pd 1,23). “Pela água” e pelo “Espírito Santo” faz-se a “estirpe eleita, o sacerdócio real, a nação santa [...] povo de Deus”, no qual, “habita o Espírito Santo, como num templo, em seus corações”. A nova lei conforma-se ao amor do próprio Cristo, até a consumação do Seu Reino, acolhendo todos em si (Lumen Gentium, 2011, § 13-16).

Da aliança rompida com Deus, pela denúncia profética, Miqueias, manifesta-se ao povo quanto às lideranças injustas, os profetas que aceitavam suborno, os sacerdotes cegos à justiça e à manifestação da vontade de Deus.

Em Cristo, encontra-se a Nova Lei, que se conforma com o novo Reino, cuja autoridade é o serviço, proporcionando o amor fraterno e, em nova configuração, o profetismo, fortalecido pela formação continuada na fé. Disso decorre um coerente fazer teológico e compromisso social, publicamente comprometido com o ser cristão e as atitudes decorrentes do batismo, na dimensão real, profética e sacerdotal, traduzidos em justiça social, liderança fraterna, solidária e testemunho coerente de co-criação em comunidades, cuja afinidade é o amor e o bem comum. (FRANCISCO 2015 § 156), (Jo 13,35; At 2,42-47)

O profetismo resgatado de suas fragilidades é aquele que, tendo passado arduamente pela experiência da complexidade, no estudo, oração e na vida, encontra enfim, na simplicidade do sonho comum e no amor fraterno, a possibilidade de intervir de forma eficaz e transformadora na realidade dos irmãos vulneráveis, acolhidos fraternalmente na sua essência de filhos de Deus.

Convém ressaltar que o sacerdócio do cristão, prefigurado pelo sacerdócio imperfeito da antiga aliança, é manifesto em Cristo como compromisso de abertura ao infinito, Igreja em saída, (*Evangelii Gaudium*, 2014, § 24) em condição de Missão, aberto ao Espírito e à leitura do real e em comunhão de Fé, Esperança e Amor. Alimentado pela Palavra, pela experiência vital de pertencimento à comunidade de Fé, e imbuído dessa dimensão sacerdotal, esse cristão acolhe com ternura e equidade a unidade na diversidade, sem julgamentos e sem proselitismos.

Conclusão

Podemos até traçar um paralelo entre a sociedade contemporânea a Miqueias e a nossa, e muitos serão os pontos coincidentes. Um ponto que não o seria convergente no momento, nas comunidades periféricas de Curitiba, atingidas pelo citado projeto social, seria a consciência da terra como vínculo de povo e nação, pois há tempos perdeu-se, e o que há nas nossas periferias é pouca narrativa familiar para que se possa resgatar essa história. A geração dos agricultores era constituída por avós ou bisavós daqueles que hoje constituem a população vulnerável presente nas periferias de nossas cidades. Descendentes de trabalhadores rurais, meeiros, ou pequenos agricultores, que perderam a pouca terra

para o vizinho, grande produtor, ou para o banco, trazem em si uma ferida na essência da dimensão do seu 'ser humano', enquanto "feitos de terra" (Gn 2,7 *apud* FRANCISCO 2015, p. 3).

Com efeito, a memória do sofrimento de perder a terra e o dom de saber plantar, parece ferida hereditária. Um projeto recente de estágio acadêmico em educação ambiental e hortas caseiras na periferia revelou-nos a noção da delicadeza do cuidado a se ter no resgate dessa condição. Afagar a terra é uma descoberta, um processo terapêutico do qual se sai mais feliz, mais leve, com a autoestima revigorada e mais abertura à fraternidade, sem se falar na experiência de se contemplar a beleza e os desdobramentos de se resgatar a natureza, maravilhando-se com ela e devolvendo-lhe a condição de paraíso. Além disso, há a alegria de se saborear o alimento cultivado com as próprias mãos.

A noção do endividamento, como no antigo Israel de Miqueias, percebe-se, hoje, apenas até o primeiro empréstimo, nos bancos e operadoras de crédito. Depois, o salário está inexoravelmente comprometido, a pessoa não se liberta... E esses ainda são os privilegiados, por terem salário e porque um dia tiveram crédito. A comida, muitas vezes, é vista como algo que brota no mercadinho da esquina, enquanto quintais improdutivos e espaços públicos degradados pedem sementes que os bordem de cores e sabores. As plantas tradicionais, também chamadas de "não convencionais", eram, desde sempre, alimento conhecido, mas não se acham mais nos mercados. Num anestesiarse, de muito tempo, perdeu-se o gosto de se colocar a mão na terra, ou não se tem, infelizmente, um espaço que bata sol ou míseros vasos de violetas para se plantar alfaces na janela...

O conhecimento de que a produção de alimentos no mundo seria suficiente para que ninguém passasse fome é um fato, assim como as causas que o provocam. Uma distribuição justa e local supriria a demanda de nutrientes necessários a uma população, evitando "o mal causado até a sétima geração" do qual nos fala Shiva (2006) assim como o vemos também na *Laudato Si*, quando esta trata da justiça intergeracional e desenvolvimento sustentável (FRANCISCO, 2015, § 159).

Em estudos, ainda na década passada, Tonial expõe que o "desequilíbrio de distribuição faz surgir a pobreza que é a principal causadora da fome" (TONIAL, 2012, p. 69). Propõe-se como exercício de justiça social um olhar profético e um agir perceptivo, em que se dê o protagonismo necessário à produção e distribuição localizada de verduras e legumes sem veneno, com a participação efetiva das comunidades vulneráveis.

Shiva em seu "*Manifiesto para una democracia de la Tierra*" denuncia precisamente o desaparecimento dos pequenos agricultores e da produção e distribuição de alimentos, em seu país, mas, como uma tendência no planeta, movido pelas vantagens das grandes monoculturas de exportação (SHIVA, 2006, p. 46-49).

Porém, são precisamente os pequenos agricultores e suas pequenas fazendas que estão sendo destruídos pela globalização e as reformas econômicas impulsionadas pelo comércio. Cinco milhões de empregos agrícolas desapareceram na Índia desde que se introduziram tais reformas (SHIVA, 2006, p. 49).³

Neste sentido, escolhas simples, como optar por produção solidária, comunitária e com distribuição local, fariam sentido e diferença se a lógica estivesse centrada na vida e não no lucro, o que não se tira a responsabilidade decorrente de se fazer, sempre, o mesmo que todos fazem. Segundo Jonas, no seu Princípio Responsabilidade, "o agente deve responder por seus atos: ele é responsável por suas consequências e responderá por elas, se for o caso" (JONAS, 2006, p. 165).

³ "Sin embargo, son precisamente los pequeños agricultores y sus pequeñas explotaciones los que están siendo destruidos por la globalización y las reformas económicas impulsadas por el comercio. Cinco millones de empleos agrícolas han desaparecido en la India desde que se introdujeron tales reformas". (SHIVA, 2006, p. 49).

A pandemia, por certo, agravou as diferenças socioeconômicas de nossas cidades, escancarando ainda mais suas vulnerabilidades. O Documento Pontifício sobre a fome no mundo (*Cor Unum*, 1997, § 60) destaca a necessidade de perceber o “olhar de quem tem fome” como o “sangue de nossos irmãos que clamam até nós.” (Gn 4, 10). É-nos concedida a imagem do juízo final pelo protagonismo em saciar ou não a fome dos irmãos (Cf. Mt 25,41): “Porque tive fome e não me destes de comer [...]”. E aqueles que procuram a Deus e só a Ele têm, são tidos como Justos. Nesse ponto, a pobreza identifica-se com a justiça de Deus. E os pobres “são os servos que conhecem o seu nome”.

Como que refletida num espelho côncavo, toda a luz dos ‘ANAWIN’, os pobres da Primeira Aliança, converge para a mulher que constitui o ponto de junção entre os dois Testamentos: em Maria brilha todo o devotamento a Javé e toda a experiência que orienta o povo de Israel e se encarna na pessoa de Jesus Cristo. O ‘Magnificat’ é o louvor que lhe dá testemunho: o hino dos pobres cuja única riqueza é Deus. (cf. Lc 1,46 ss; *apud Cor Unum*, 1997, § 61).

A Igreja, como mãe, está com o pobre, mas seu coração a ninguém exclui. E o que se lê como “conversão ecológica”, na *Laudato Si* (FRANCISCO, 2015, § 216), no Documento sobre a Fome no Mundo, vê-se como “a necessária reforma do coração”. A análise da “lógica das estruturas de pecado”, faz libertos do egoísmo e cobiça, criando espaços para que possa “habitar no coração o amor fraterno, e a criação de estruturas de bem comum” (*Cor Unum*, 1997, § 62-64).

Na *Laudato Si*, Francisco aborda a necessidade da acolhida e do cuidado e que haja “respeito pela pessoa humana, com direitos fundamentais orientados para seu desenvolvimento integral”. Esse enfoque e frescor evangélico não é novidade, e vem das águas do Concílio Vaticano II, que, se fazendo torrente em Puebla e Medellín, passam pela *Lumen Gentium* e *Evangelii Gaudium*, chegando à *Laudato Si* (FRANCISCO, 2015 § 216) como a sempre nova “opção preferencial pelo pobre” (*Evangelii Gaudium*, 2014, § 21), recordando a condição de Jesus Cristo, que “aniquilou-se e tomou a condição de escravo” (Fl 2, 6), assim como a dimensão de que “fez-se pobre, ele que era rico” (2 Cor 8, 9), “enviado pelo Pai para anunciar a Boa-Nova aos pobres e proclamar a libertação dos cativos” (*Lumen Gentium*, 2014, § 8)

Entre os desafios do mundo atual estão “a exclusão de seres humanos” como “resíduos descartáveis”, numa “economia de consumo” que provoca a “desigualdade social” e que “exclui o cuidado ao outro”, pela “nova idolatria ao dinheiro” negando “a primazia do ser humano”, chegando à “rejeição ética e recusa de Deus”, em um campo propício onde se “gera a violência”. (*Evangelii Gaudium*, § 53-59)

À insegurança alimentar e desemprego de tantos irmãos, faz-se urgente irmanar em soluções possíveis ditadas pelo amor fraterno numa cultura de paz. A Boa-nova é anunciada a todas as criaturas e hoje, além do pobre, a natureza grita por manifestar a vida e a beleza que lhe é implícita, não sendo necessária a experiência teofânica da destruição da cidade injusta, como se inferiu da profecia de Miqueias, para que, solidariamente, sejam cultivados “seus montes de mato e cerros de brenhas” (Mq 3, 12). Provoquem-se, antes, redes de bem viver, estruturas de bem comum, geradoras de vida. A proposta de Biossustentabilidade em Hortas Urbanas, na modalidade de Horta Social, propõe um espaço acolhedor, educativo e celebrativo da vida.

Assim, entende-se que “são felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6, 20). E que a pedagogia do olhar do pobre, nesse momento de dor pela crise sanitária que atravessa a humanidade, seja uma luz a exorcizar a realidade de todos os adereços desnecessários, simplificando infinitamente todas as complexidades e justificativas do sistema injusto. Que se possa dizer: Felizes os simples, e bem-aventurados os pobres de Deus, porque resgataram, no coração da humanidade, o amor, a justiça e a beleza adormecidos.

Referências

- BAKER, David Weston; ALEXANDER Thomas Desmond; STURZ, Richard J. *Obadias, Naum, Habacuque, Sofonias/ Jonas / Miquéias*. São Paulo: Vida Nova, 2001. (Cultura bíblica; v. 23)
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA Sagrada, Edição Pastoral (Tradução, introdução e notas: Ivo Storniolo & Euclides Martins Balancin). 19ª impressão. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1996.
- BÍBLIA Sagrada. Revista por Frei João José Pereira de Castro, O.F.M. 80. ed. São Paulo: Ed. Ave-Maria Ltda, 1991.
- BOFF Leonardo. *Saber Cuidar: Ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CIRIBELLI, Marilda Corrêa. *Como elaborar uma dissertação de Mestrado através da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja. 23ª ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- DIEZ, Carmem Lúcia Fornari; HORN, Geraldo Balduino. *Orientações para elaboração de projetos e monografias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum, 4ª reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. 6ª reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2014.
- GIL, Antonio Carlos *et al.* Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.
- JONAS, Hans. *O Princípio responsabilidade*. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.
- MIQUEIAS 3:9-12, NTLH. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/211/mic.3.9-12.ntlh> Acesso em: 20 out. 2020.
- NOGALSKI, James D. *The book of the twelve: Micah–Malachi*. Smyth & Helwys Bible Commentary. Georgia, USA: Smyth & Helwys Publishing, 2011.
- PONTIFÍCIO CONSELHO COR UNUM. *A fome no mundo*. Um desafio para todos: O desenvolvimento solidário. São Paulo: Paulus, 1997.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano (org). *Miqueias: memórias libertadoras de um líder camponês*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção pão da palavra).

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; ERDOS, Ivanilza Belmiro. A construção social das vítimas em Miqueias, *Revista Pistis & Praxis*, Teologia. Pastoral, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 563-586, jul. / dez. 2013.

SHAW, Charles S. *The Speeches of Micah: Rhetorical-Historical Analysis*. Journal for the study of the Old Testament supplement series 145. England: JSOT Press/ Sheffield Academic Press, 1993. 246 p.

SHIVA, Vandana. *Manifiesto para una democracia de la tierra*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A, 2006.

SICRE, José Luis; SCHOKEL, L. Alonso. *Profetas*. Madri: Ediciones Cristiandad, 1980.

TONIAL, Juliana Chilanti. Falta de alimentos no mundo: problema de escassez ou de distribuição? JURIS - Revista Da Faculdade De Direito, 14, 69–80, 2012.

Recebido em 01/07/2021

Aceito em 27/11/2021

Received 07/01/2021

Approved 11/27/2021